

pt/2025/01/02/culturaipsilon/critica/investigacao-notavel-viagem-eca-queiroz-egipto-1869-2110755 [consultado em 10 de fevereiro de 2025].

Lima, Isabel Pires de (2015). “Eça e o Oriente”, in Alfredo Campos Matos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz* (p. 465). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Matos, Alfredo Campos (2017). “Os Anos de Lisboa e a Viagem ao Oriente”, in *Eça de Queiroz, Uma Biografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Said, Edward (2021). “Introdução”, in *Orientalismo. Representações Ocidentais do Oriente*. Lisboa: Edições 70.

José Alberto Catalão

<https://orcid.org/0009-0003-5196-5750>

A GRAN FINAL

Xaquín Núñez (ed.)

Santiago de Compostela: Edicións

Positivas, 2024

268 páginas, ISBN 978-84-128407-4-2

Um preconceito injustificado e persistente afasta o mundo académico do vasto, complexo e sedutor universo do desporto. Pelo menos duas razões podem ser conjeturadas como explicações para esse afastamento. Uma: trata-se de domínios que, de forma esquemática e redutora, são configurados como antagónicos, sendo um deles regido pelo intelecto e o outro pelo corpo e pelas suas proezas, coisa, esta última, que padece de simplificação.

Segunda razão: a reflexão científica, cultural e artística presume-se desinteressada de compensações materiais (o que, de certa forma, é uma mistificação), ao passo que o desporto, na atualidade, requer investimentos financeiros apreciáveis – o que é verdade. A profissionalização dos atletas, a mediatização das modalidades e o valor económico da publicidade são, entre outros, elementos estruturantes e fatores de incremento daqueles investimentos. Mais: sobretudo por via mediática, aquele a quem cabe ser, em campo, o protagonista da prática desportiva pode ser transformado em mito e, como tal, em sujeito narrativo; nem mesmo a curta duração da sua atividade anula essa tendência, como bem sabemos quando recordamos as imagens elaboradas (é também disso que se trata) de figuras como Jesse Owens ou Pelé, Di Stéfano ou Eusébio, Maradona ou Nadia Comaneci, Björn Borg ou Martina Navratilova, Usain Bolt ou Michael Phelps, Cristiano Ronaldo ou Lionel Messi. Nos últimos anos, as redes sociais elevaram a um expoente altíssimo os efeitos de mitificação a que me refiro.

Mesmo sem menção expressa ou circunstanciada a estes nomes, o livro de que aqui me ocupo trata de muito do que já fica dito. O facto de ele ser organizado por um académico, Xaquín Núñez, professor da Universidade do Minho, é, só por si, a abertura de uma brecha naquilo a que chamei um preconceito persistente. Para mais, a obra

em apreço assume como tema central, o futebol, ou seja, uma das modalidades mais ligadas ao dinheiro, ao vedetismo, à publicidade e à projeção mediática. E também, acrescento, já pensando no conteúdo deste livro, com uma dimensão humana muitas vezes ignorada, mais as derivações narrativas, simbólicas, mentais e culturais que aquela dimensão comporta. O que não impede que se diga que, à parte contadas e honrosas exceções, o futebol só escassa e residualmente tem sido tematizado pelas artes e pela literatura.

No breve “limiar” que escreveu para *A Gran Final*, Núñez diz ao que vem e com quem vem. “O fútbol é un manancial inacabable de historias”, declara, acrescentando logo depois: histórias “prosaicas, líricas, cómicas, trágicas, agónicas, banais, edificantes, reprobables, corais ou individuais” (p. 9). Fazendo companhia ao autor da explanação que abre o livro, dois nomes de grandes escritores, dos poucos que o futebol seduziu, sem complexos nem reservas: Albert Camus e Eduardo Galeano. O primeiro (que atuou como guarda-redes, para que conste) não escondia que “todo o que sabía de moral e das obrigas humanas o aprendera no Racing Universitaire d’Alger”; por seu lado, Galeano estava bem consciente da “suspiciacia que a miúdo a intelectualidade lle dedicara ao deporte máis popular” (p. 9), ou seja, aquele que consta do título de um seu livro muitas vezes citado: *El fútbol a sol e sombra* (1995).

O projeto desenvolvido em *A Gran Final* é simples, mas muito original e não menos fecundo: trata-se de organizar, numa sucessão de 22 textos (tinha de ser este número, claro está), uma partida de futebol com duas equipas e respetivos testemunhos. O rigoroso 3-4-3, escolhido certamente pelo organizador da recolha, está graficamente representado, como nos antigos quadros de tática e de treino, em duas páginas iniciais (pp. 6-7). Defrontam-se, de um lado, “os **contos** inéditos de escritoras e escritores sobre o fútbol”; do outro lado, “as **contas**, que relatan, botan ou mesmo saldan, quem viviu de primeira man a relación co deporte rei dende a práctica profesional, o xornalismo desportivo ou a cultura” (p. 10). Os integrantes de cada um dos “onzes” falam-nos “da delgada liña entre a gloria e o fracaso; dos mitos e anxos caídos; dos intereses corporativos e a dignidade dos xogadores; das prácticas nobres e innobres; do Brasil e da Arxentina, sempre indispensables; da identidade e da memoria sentimental das afeccións e dos afeccionados; das aliñacións de fantasía nos viedoxogos, da práctica amadora e dos soños da rapazada ou das mil e unha tramas que transcorren en noventa minutos” (pp. 10-11). Os autores e as autoras destes onze mais onze (à antiga, sem banco de suplentes) “contos” e “contas” são brevíssimamente identificados numa secção final da coletânea (pp. 257-284).

Do muito que aqui se lê de sugestivo e de estimulante para futuras reflexões

(incluindo as que o autor desta resenha tenciona levar a cabo), merecem destaque alguns componentes, sendo certo que eles são escassos para fazerem justiça a este livro em muitos aspetos inovador. E, fugindo ao uso, começo pelo final, também porque nele encontramos um nome feminino (não é o único), o de Vero Boquete, escolhida não certamente por dever feminista, mas sim porque o futebol jogado por mulheres tem ganhado, nos últimos anos, um destaque que promete aumentar.

Com nome de batismo Verónica Boquete Giadans e nascida em 1987 em Santiago de Compostela, é esta uma futebolista internacional muito bem sucedida, a nível interno e fora de Espanha, autora de uma autobiografia (*Vero Boquete, la princesa del deporte rey*, 2013) que alguma coisa terá contribuído para aplanar o difícil caminho do futebol feminino, no seu país e não só nele. Pois bem, alinhada no lado esquerdo do trio ofensivo pelo “técnico” Xaquín Nuñez, Vero Boquete facultanos, com singeleza e enorme autenticidade, uma história pessoal que transcende o lado individual, para ser uma síntese daquilo que é, para os atletas, o futebol, em aspetos essenciais que nem sempre (ou quase nunca) são alcançados pelos adeptos, seja na bancada do estádio, seja no sofá de casa. Para a jogadora, o futebol, como a vida, é uma alternância de derrotas e de vitórias, numa dialética não raras vezes cruel (o adjetivo está logo no início do texto) que envolve experiên-

cias de frustração e de superação, de sofrimento pessoal e de solidariedade grupal. Ao recordar as suas origens de futebolista, numa modesta equipa na galega Ria de Arousa, o texto de Boquete pode ser lido como uma comovente homenagem a esse tempo e à sua gente. Diz-nos a jogadora, sem rodeios: “Foron anos de satisfacción, de ver o lado máis próximo, pasional e afeccionado do deporte, mais tamém de sacrificio, sen expectativas aínda de que se convertería na principal actividade no eido profesional” (p. 254).

Ao ler o relato (quase) autobiográfico de Boquete, vêm-me à mente imagens de derrota do herói desportivo, mais do que figurações dos seus triunfos – que normalmente não carecem de comentários. Lembro duas dessas imagens: a do grande Eusébio, em lágrimas e confortado pelo fotógrafo Formidável (isso mesmo: um fotógrafo ficou na fotografia que outro tirou), depois da derrota que afastou Portugal da final do Mundial de 1966; a do enorme Cristiano Ronaldo, em pranto quando do absurdo desaire português na final do Euro 2004, contra a Grécia. Deste pranto pode bem dizer-se ter ele sido amplamente compensado, pois que a queda do herói, então ainda muito jovem, não impediu que, por entre vitórias e derrotas, ele se reerguesse e chegasse ao seu destino de mito, até agora protegido pelos deuses.

Não termino sem destacar, n’*A Gran Final*, textos e autores a que especial-

mente fui sensível, mesmo com o risco certo de cometer injustiças por omissão. Não distinguindo agora, como géneros, os “contos” e as “contas”, sublinho, em primeiro lugar, o elogio do guarda-redes, nos relatos de Afonso Eiré e de Sergio Álvarez (este um antigo guardião do Celta de Vigo). Por razões que agora não vêm ao caso, sou especialmente sensível ao que ali se diz, na valorização de um herói em tudo diferenciado, incluindo o protagonismo que ele assume, no momento dramático da grande penalidade. Para ser guarda-redes, diz Álvarez, “hai que ter a cabeça dura” (p. 29); e Eiré especifica que “o penalti é, en si mesmo, um dos escasos momentos de gloria que tem um porteiro (...)” (p. 23). Assim é. Tudo o mais é o risco constante do fracasso quase nunca perdoado pelos demais 10 jogadores. Com Nuria Rábano, antecipa-se o que Vero Boquete dirá depois, a saber, que viver o futebol, dentro do campo, é seguir um trilho em que triunfo e fracasso alternam, como faces de uma mesma e imprevisível moeda; e também perceber a perspetiva em que o atleta ou a atleta se colocam. Do seu ponto de vista de esquerdina (confirmado competentemente pelo “técnico” Núñez, que pôs Rábano no lado esquerdo da defesa), a jogadora continua “desfrutando deste deporte (...) vendo, desde o carril esquerdo, o fútbol”. E conclui: “E tamém a vida, que a miúdo nos pon a proba de centros, caneos e disparos cruzados” (p. 86). Mais adiante, Álex

Bergantiños, lendária figura do Deportivo da Coruña, fala-nos da vida do futebolista como um carrossel ou (talvez melhor) uma montanha russa de etapas emotivas e perigosas; e também de outras personalidades dos bastidores que não raro comandam os altos e baixos de um percurso irremediavelmente curto: técnicos, dirigentes, companheiros de balneário e (acrescento eu) empresários. Em última análise, Bergantiños ressalva alguma coisa da imagem negativa de mercenário que atualmente caracteriza o profissional de futebol e insiste na ideia de que ele não é imune à paixão por um clube de sempre e para sempre. Com Maria Sabarís entramos no mundo quase esotérico dos dados estatísticos e da frieza com que o digital analisa e decide opções táticas. É esse um “fútbol sen o fútbol”, na expressão da autora, que reclama um lugar para “os soñadores da ‘pixarra” (p. 148), o tal quadro analógico em que se antecipam movimentos e jogadas talentosas. “A caballo do romanticismo”, é esse um “fútbol espontáneo e creativo [que] ainda existe e sobrevive, a pesar do furacán de datos que cada xornada intenta explicar o inexplicable” (p. 148). Por fim, Beatriz Maceda (pp. 41-54) abre um diálogo entre futebol e família, com desenvolvimentos que incluem a feição política do jogo, pela expressiva presença do Brasil na sua história e, nesta, por uma personalidade de vida desportiva heterodoxa e quase trágica: o grande jogador Sócrates (1954-2011), também médico

e técnico, mas sobretudo mentor de uma experiência político-futebolística designada, na década de 80, como democracia corinthiana.

Insisto: o que fica dito está longe de esgotar o que este *A Gran Final* significa, no quase deserto de contributos para o estudo de interações que juntam futebol e narrativa, desporto, literatura e pensa-

mento social. Em todo o caso, julgo que fica bem acentuada a valia desta obra a vários títulos marcante. E que se lê com entusiasmo e com proveito, qualidades ambas que devem ser prezadas.

Carlos Reis

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_15_23